



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/lingua-e-cultura-yoruba>

## **Língua e cultura Yorùbá: reflexões sobre relatos dos cursistas da Disciplina HL-094 – Tópicos de Linguística**

Maria das Glória Feitosa Freitas ou Yeye Oribato Obàtálá Ilé Ifè[1]

Faseyi Awogbemi Dada/OBáLuru Obàtálá Ilé Ifè[2]

*Neste texto são apresentadas reflexões sobre a língua e cultura Yorùbá feitas por alunas e alunos que frequentaram a disciplina HL-094 – Tópicos de Linguística oferecida por Faseyi Awogbemi Dada, como professor visitante, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no segundo semestre de 2024.*

No decorrer da disciplina HL-094 – Tópicos de Linguística oferecida por Faseyi Awogbemi Dada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi realizada em sala de aula, no 15º encontro semanal, uma autoavaliação escrita, em novembro de 2024. Na sala de aula, os alunos e alunas foram indagado(a)s sobre os seguintes pontos tratados em sala de aula:

1) A Língua Yorùbá é parte integrante da subfamília linguística benue-congo, que faz parte da família nigero-congolesa. Sobre a fonética da Língua Yorùbá, o Yorùbá é um idioma tonal. Uma mesma palavra costuma ter diferentes significados, a depender do tom de suas sílabas. Você consegue lembrar de alguma palavra com escrita semelhante e diferenciada por sinais e que foram apresentadas nas aulas? Os cursistas apontaram os seguintes conhecimentos consolidados:

A compreensão do sistema DO\_RE\_MI (grave-Médio-agudo) é relacionado aos tons presentes nas palavras da Língua Yorùbá. Ressaltaram o fato de uma mesma palavra só ser diferenciada por seus acentos, assim uma sequência fônica pode se referir aos conceitos distintos de guerra, herança ou Orixá, a depender do tom (fonêmico) de cada palavra, como acontece com a palavra Ogun que pode significar as seguintes palavras: guerra, orixá ou número, se diferenciando nos significados pelos tons da pronúncia.



Outros exemplos citados foram as palavras “EJO” (pode ser oito ou justiça). Uma das avaliações cita o desafio que é aprender a língua Yorùbá por ser língua tonal, com acentuações muito específicas e as complexidades tornam a língua Yorùbá ainda mais bela.

Ainda foi citado que a palavra Igba e seus acentos diferenciados podem significar marcação do tempo, cabaça, corda, beringela, e o numeral duzentos (200). Ainda lembraram que bata pode ser tambor e sapato, a depender dos acentos. E, ainda, a palavra eje representa com suas diferentes acentuações sangue, sete ou promessa.

2) Qual (quais) as narrativas orais, parte integrante da cosmologia e/ou referência aos Orixás, a história e a cultura Yorùbá apresentados nas aulas deram oportunidades para você fazer conexões com as suas leituras anteriores, com suas experiências literárias afrodiáspóricas brasileiras (autores pretos e pretas brasileiros e/ou africanos conhecidos por você)?

Essa indagação trouxe inúmeras situações em que as alunas e os alunos fizeram conexões com saberes prévios e leituras realizadas anteriormente ao curso. Disseram ter gostado do contato com a obra da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> e filósofa Sophie Oluwole (Yorùbá), aprenderam sobre Orixás na Nigéria e suas diferenças como são cultuados no Brasil, assuntos relevantes e do interesse de algumas e alguns dos estudantes por serem iniciados em religiões de matriz africana no Brasil (candomblé, Umbanda e outros).

Relembrou a importância das florestas e seus guardiões em que são cultuados Orixás como no caso da Orixá Oxum, na cidade de Osogbo, associando ao tão necessário esforço preservacionista em tempos de mudanças climáticas. Perceberam as narrativas compartilhadas e cosmovisões dos iorubás presentes nas canções populares brasileiras para Iemanjá, Oxum, Oxalá e outros divindades cultuadas pelo povo Yorùbá, a partir do terrível período de escravização e colonização brasileira. Citaram a presença de palavras em Yorùbá na obra de Inezita Barroso.

As narrativas relacionadas às mortes e as formas de lidar com as perdas dos familiares foram citadas por algumas e alguns estudantes e a presença do culto aos ancestrais em festivais. Isso teria alguma relação, conforme ressaltaram, com textos que tratam sobre a escravização africana e que trouxeram e foram mantidas em parte as tradições afro-religiosas do povo Yorùbá.

Sobre as narrativas sobre Egbé Òrun (familiares das comunidades de pertencimento do Plano Espiritual) foi feita uma conexão com o livro "Perder a mãe – uma jornada pela rota atlântica da



escravidão”, da autora norte-americana Saidiya Hartman, uma escritora e acadêmica focada nos estudos afro-americanos, professora na Universidade Columbia. A argumentação é a presença de similaridade entre as narrativas sobre a família que nos aguarda no céu (cosmovisão e narrativas citadas na sala de aula e nos materiais para serem lidos pelos estudantes) e a obra de Saidiya Hartman, em que a autora apresenta a morte no contexto de descendentes africanos e como as tradições de culturas de matriz africanas estão presentes até hoje.

No capítulo “O livro dos mortos”, Saidiya narra que se costuma dizer (narrativas populares) que examinar longamente o mar trará de volta as cenas do passado. Assim o mar seria histórico. Essa narrativa da autora pretende tratar da luta por dignidade das pessoas tomadas para serem escravizadas, após captura e que foram consideradas “desnecessárias”, discorrendo para o comércio, sobre a vida de uma garota africana e que morreu no navio negreiro.

Outra contribuição de um dos cursistas cita os seguintes textos indicados para Leitura pelo Professor Especialista: O livro “Água Cura – Uma Homenagem a Oxum” (Publicação da Revista *Climacom* da Unicamp) e de artigos recomendados para a leitura e escritos pela Professora Doutora Yeda Castro e artigos sobre Egbé Òrun. Ele associa e conecta essas leituras com os aprendizados na sala de aula, resultando na aprendizagem da complexidade da cultura Yorùbá e potentes para suficientemente para criar paralelos com a Literatura Negro Brasileira contemporânea e citou um livro muito celebrado pelo povo preto brasileiro, trata-se de “Defeito de cor” (2006), de Ana Maria Gonçalves, publicado pela Editora Record, e que narra a encantadora história da idosa africana, deficiente visual e com idade muito avançada, empreendendo uma viagem do continente africano ao Brasil, em incessante busca pelo filho perdido décadas atrás e presença da Orixá Oxum aparece na narrativa.

Um outro cursista citou o mesmo livro e comentou que fez uma conexão com o Oriki de Ibeji (gêmeos) recitado pelo professor na sala de aula e em uma das aulas, associando com o fato da narrativa do livro da autora Ana Maria Gonçalves citar os gêmeos. Um dos gêmeos é Abiku (referência da cosmologia Yorùbá para denominar crianças com morte prematura). No livro, a mãe procura um sacerdote Yorùbá para fazer oferendas para Ori e Orixá para conseguir preservar a vida. A preservação da vida é um dos princípios fundamentais da cultura e religião do povo Yorùbá.



O fato da cultura Yorùbá ser habitada por uma presença enorme da oralidade oportunizou um exame para obras de autores pretos brasileiros, e com grande incidência de oralidade e de inovações literárias, apoiadas na oralidade, assim foi citada as obras da autora preta brasileira Carolina Maria de Jesus. Uma obra citada como fonte de conexão entre as narrativas orais apresentadas em sala de aula e a Literatura brasileira foi “Quarto de Despejo – Diário de uma favelada” (1960), com a narrativa da autora e sua realidade como mulher pobre, preta, mãe, moradora da favela e catadora de papel.

O Emicida[3] apareceu em um dos relatos dos alunos e foi citado na seguinte composição:

Talvez seja bom partir do final

Afinal, é um ano todo só de sexta-feira treze

'Cê também podia me ligar de vez em quando

Eu ando igual lagarta, triste, sem poder sair

Aqui o mantra que nos traz o centro

Enquanto lavo um banheiro, uma louça, querendo lavar a alma

Na calma da semente que germina

Que eu preciso olhar minhas menina

A folha amarela, igual comida, envelhece

É a vida, acontece com pessoa e documento

É tão triste ter que vir, coisa ruim pra nos unir

E nem assim agora, mano, vamo' embora a tempo

Viver é partir, voltar e repartir (é isso)

Partir, voltar e repartir (é tudo pra ontem)

Viver é partir, voltar e repartir

Partir, voltar e repartir

Vi árvores a derramar suas flores pra ninguém



'To zen no meu momento, Coltrane anti-jazz  
Crianças têm o céu no alcance das mãos  
Irmão, será que há tempo de poder ser mais?  
Eu sei, caramba, nem estrelas são iguais  
Tem mais, vitória agora é uma fresta de sol  
No fim das conta, Tetsuo é quem tinha razão  
Então todas areias da ampulheta, vão  
E as fotos amarelam, como os dentes  
As plantas, a gente, a chama, a febre intermitente  
Vazia estrada, cheia a caixa de entrada  
E, de repente, uma luz quadrada quente, diz que  
Viver é partir, voltar e repartir  
Partir, voltar e repartir  
Viver é partir, voltar e repartir  
Partir, voltar e repartir  
O Criador deixou a humanidade aqui na Terra  
E foi pra algum outro lugar do cosmos  
Um dia, ele se lembrou de nós e disse  
"Ah, eu deixei minhas criaturas lá na Terra  
Preciso ver o que elas se tornaram"  
Mas, enquanto fazia esse movimento incrível de vir até aqui nos ver  
Ele pensou  
"E se eles tiverem se tornado algo pior do que eu posso conceber?  
O melhor seria não ter um encontro pessoal com eles



Vou fazer o seguinte, vou me transformar em uma outra criatura

Para ver as minhas criaturas"

Ele se transformou num tamanduá e saiu pela campina

(Letra de É Tudo Pra Ontem © Warner Chappell Music, Inc)

Outra fonte de diálogos entre o que aprendeu nas aulas e os conhecimentos prévios foi com a obra de Lélia González (morreu em 1994), autora, intelectual, ativista preta, filósofa e antropóloga brasileira. Com escritas renomadas sobre raça, etnia, gênero e classe no Brasil, sendo considerada referência sobre o feminismo negro no país.

A gigantesca contribuição da reflexão de Lélia González sobre formação do Português do Brasil em conceitos como amefricanidade, feminismo negro e pretuguês, estendendo-se do feminismo negro até a influência das línguas africanas faladas no Brasil no interior da língua oficial como conhecimentos prévios foram importantes para entender a contribuição da língua Yorùbá dentro do português falado no Brasil nas aulas da disciplina.

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês (González, 2018, p. 208).

Tomar conhecimento da língua Yorùbá ajuda bastante na movimentação necessária em prol da valorização das raízes africanas do português brasileiro, contribuindo para o resgate histórico e nas lutas anticoloniais e antirracistas fundamentais para o povo preto brasileiro, comentou uma das cursistas.

Um dos cursistas escreveu que dentro dos provérbios em língua Yorùbá e citados nas nossas aulas o chamou atenção o seguinte: Suuru Baba Iwa (A Paciência é o Pai do Caráter). Ele citou que essa frase sintetiza a diferenciação entre modos de pensar africanos (Filosofia Yorùbá) e os ocidentais,



ressaltando a importância do que se conversou durante as aulas sobre o cuidado com o próprio Orí (Cabeça).

As narrativas orais da cidade nigeriana Ilé Ifè podem dialogar com a obra de Thiong'o, na obra que narra o processo de independência do Quênia, "Um grão de trigo", um clássico da literatura africana (1967) e as consequências coletivas e individuais deste fato histórico, afirmou uma cursista.

Foi lembrado por um cursista que as aulas fizeram lembrar da leitura feita por ele de obra literária feita para crianças. É "O Livro dos Orixás para Crianças" (2018), da autora Waldete Tristão, publicado por Arole Cultural, compondo uma coleção de 18 títulos infantis, apresentando os Orixás para crianças pequenas, em idade pré-escolar e em alfabetização.

A argumentação usada para a publicação da coleção é que interessa às crianças pretas do Brasil, ainda não alfabetizadas e ainda na etapa da educação infantil, etapa primeira da educação básica brasileira, saber sobre o país plural e miscigenado em que vivem, com fé e axê disseminados na música, nas chamadas comidas de santo, nos dias dedicados ao Ogum (São Jorge), nas procissões até o mar para Iemanjá, rainha do mar, e flores à beira mar na virada do ano, bem como as festas de santos crianças, de Cosme e Damião (Ibejis) e o oferecimento de doces e carurus feito com quiabo e azeite de dendê.

Faz parte da coleção uma obra citada pelo cursista: "Conhecendo os Orixás: de Exu a Oxalá", considerada como a porta de entrada para a coleção "O Livro dos Orixás para Crianças", a coleção contém 18 títulos infantis, apresentando os Orixás às crianças.

Outro cursista lembrou do conhecimento prévio da música de alguns compositores brasileiros e que trouxe a oportunidade de conexão com as aulas. É o caso da cantora Luedji Luna:

Banho de Folhas

Canção de Luedji Luna

Foi em uma quarta-feira



Saí pra te procurar

Andei a cidade inteira

Mas, cadê você?

Cadê você?

A cidade é grande

As pessoas muitas

E eu por aí

Sem te encontrar

Vou pedir a oxalá

Oxalá quem guia

Oxalá quem te mandou

Outro compositor brasileiro lembrado foi Mateus Aleluia:

Eu Vi Obatalá

Canção de Mateus Aleluia

Visão geral

Letras

Ouvir

Letras

Eu vi Obatalá

Eu vi Obatalá

No opelê do cordão de Ifá

À direita de Olodumarê

Com Odudua num culto sagrado





Eu vi Obatalá

No opelê do cordão de Ifá

À direita de Olodumarê

Com Odudua num culto sagrado

Os Inquices pediam agô

Orixás pediam agô

Voduns pediam agô

Olodumarê

Inquices pediam agô

Orixás pediam agô

Voduns pediam agô

Olodumarê

Eu vi Obatalá

Eu vi Obatalá

No opelê do cordão de Ifá

À direita de Olodumarê

Com Odudua num culto sagrado

Eu vi Obatalá

No opelê do cordão de Ifá

À direita de Olodumarê

Com Odudua num culto sagrado

Os Inquices pediam agô

Orixás pediam agô

Voduns pediam agô



Olodumarê

Inquices pediam agô

Orixás pediam agô

Voduns pediam agô

Olodumarê

Eu vi Obatalá

Eu vi Obatalá

Uma cursista ponderou que conseguiu, no decorrer das aulas e com as apresentações sobre as cosmovisões do povo Yorùbá, e em especial sobre os Orixás e o papel de Exú como o mensageiro de Deus e a contestação de ser visto como satanás entre explicações tendenciosas, entender melhor as músicas do cantor brasileiro Baco de Exú de Blues ao dizer o que é Exú e não precisa ser comparado as narrativas cristãs para ser compreendido. Isso é expresso na seguinte composição de Baco de Exú de Blues:

A partir de agora considero tudo blues

O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues

O funk é blues, o soul é blues

Eu sou Exu do Blues

Tudo que quando era preto era do demônio

E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de blues

É isso, entenda

Jesus é blues

Falei meremo



A obra literária da autora brasileira Cidinha da Silva (2018), “O Exú em Nova York”, da Editora Pallas, foi citada como lida e as aulas trouxeram um sentido mais amplo. Essa obra oferece uma perspectiva contemporânea e ficcional sobre o cotidiano, elencando temas como ética, política, racismo (afro)religioso, as lutas em prol dos direitos das mulheres, negros e grupos LGBTQI+. O livro contém 19 pequenos contos que focam no racismo e seus efeitos. Além de trazer os sentimentos e sonhos dos personagens.

Outra conexão de um cursista entre o material lido e as falas do professor especialista Faseyi Dada, foi uma obra de Histórias de Quadrinhos (2019) com diversas edições e representando uma das mais bem sucedidas publicações no ramo de HQ, narrando um tempo muito antigo, e em que Orixás e heróis andaram entre os homens, participaram de guerras fortemente, instruíram como curar e lidar com elementos como a terra, o ferro e o fogo, foram reis amados e amaram intensidade. Alguns desceram do Orun (céu) para realizar tarefas e seus destinos, e outros nasceram no Aiyê (Terra) e pelas grandes façanhas se tornaram Orixás, abalizando para sempre a história e conexões entre os continentes africano e americano. Lançado pelo selo ORÍ, na parceria com a Editora Trem Fantasma, a obra é do artista Hugo Canuto, já passou da 4a. edição e é um dos maiores sucessos dos quadrinhos brasileiros dos últimos tempos e se chama Contos dos Orixás.

As aulas relacionadas ao tema ancestrais fizeram uma cursista conectar com um livro lido por uma cursista e publicado pela Editora Aruanda, em 2021, da autora Mãe Flavia Pinto focando nas mulheres – cis ou trans – vitimadas pelo machismo e opressão constantes, como efeito de viverem numa sociedade paternalista e com o objetivo de apagar o papel social feminino, especialmente o das mulheres negras. O livro fala sobre as comunidades matriarcais africanas antigas e atuais, focando nos micromachismos diários enfrentados pelas mulheres.

Uma cursista e leitora de Hegel (autor alemão e que viveu entre 1770-1831) articulou o pensamento hegeliano com o seguinte verso de um Odu de Orunmila, do oráculo Yorùbá e apresentado: “Uma lâmpada (lâmparina) não pode ver a si mesma”, a explicação na sala de aula estava centrada no fato de que até mesmo Orixá da sabedoria, Orunmila, procurava outros sacerdotes para fazer consultas oraculares para ele.

Um cursista apresentou as similaridades entre as aulas sobre ancestrais, ancestralidade e Egùngùn e a leitura prévia que ele fez da obra “My Life in the Bush of Ghosts” (Minha vida no mato dos



fantasmas), publicado em 1954, do autor Yorùbá Amos Tutuola (nasceu em 1920 e morreu em 1977), nascido na Abeokuta, estudou na Universidade de Ilé Ifé e escreveu e publicou mais de dez obras literárias.

### 3. O que aprendeu sobre o Àlífábèètí Yorùbá/ Alfabeto Yorùbá?

Afirmaram sobre as diferenciações entre o alfabeto Yorùbá e o usado no Brasil, expressando surpresa com letras que só aparecem na Língua Yorùbá como ‘GB’. Aprenderam que existem palavras homófonas e a acentuação é muito importante para diferenciá-las. Tocaram em temas como a existência na língua Yorùbá de fonemas tonais. Apesar de alfabetos similares (Yorùbá e português) é necessário ficar atento para o fato da língua Yorùbá ser tonal e isso demanda uma atenção especial aos acentos presentes na escrita da palavra. Relembrou a ausência de algumas consoantes na língua Yorùbá, como as letras ‘c, v, q, z e “x”’.

### 4. Números em Yorùbá, você recorda dos nomes de alguns numerais cardinais e ordinais? Qual(Quais)?

Lembraram de alguns numerais com OKAN (1), EWA (10), ETA (03) , OGUN (20) Meji (2) e Eji (dois), entre outros. Relembrou que perto de chegar no numeral 20 existe uma forma de se referir que indica subtração (okan le logun).

### 5. Sobre o tema da morte repentina e ancestrais para o Povo Yorùbá, Akudaaya e Egbé Òrun foi possível refletir sobre as experiências Afrodiaspóricas brasileiras relacionadas à morte e aos ancestrais do povo preto brasileiro?

Foi dito pelos cursistas que a Terra é a nossa morada temporária e das aprendizagens da importância de cultivar ancestrais, lamentando o desconhecimento do Orixá Egùngùn. Foi dito por um cursista que o povo Yorùbá sabe lidar de um modo mais fácil com a morte do que o povo preto brasileiro, com muita presença dos ensinamentos cristãos nos países da diáspora africana como é o caso do Brasil. Isso dificulta os cultos aos ancestrais e antepassados.

Alguns comentaram sobre a inexistência ou escassez de informações sobre estes temas em países da diáspora africana e sobre o apagamento deste tema. Perceberam que a ancestralidade é muito



respeitada pelo povo Yorùbá, o respeito aos idosos e mais velhos em geral, e ainda escreveram sobre as noções de famílias do mundo espiritual (Egbé Òrun).

Os alunos e alunas, e que são descendentes dos africanos na diáspora africana, sentem como muito relevante o tema da ancestralidade e em aprender mais sobre os cultos aos ancestrais do povo Yorùbá. As aulas trouxeram abundantemente esses temas.

Conheceram Orixás desconhecidos no Brasil. E o conhecimento sobre Comunidades do Céu foi muito comentada nas autoavaliações. Ressaltaram as aprendizagens sobre as interferências de Egbé Òrun (Comunidades Espirituais de pertencimento de cada pessoa) nas existências terrenas e que ter uma Comunidade Espiritual é algo independente de etnia, nacionalidade ou religião, todos os seres humanos possuem.

Disseram que é possível relacionar a importância da preservação da cultura e da língua Yorùbá pelo povo preto brasileiro, indicando a sabedoria dos ancestrais sendo portadores de memórias que devem ser repassadas às novas gerações, mesmo diante das maiores opressões passadas e atuais do Povo Preto no Brasil.

Fizeram reflexões sobre as experiências afrodiaspóricas brasileiras. Um dos cursistas falou belamente sobre a questão da morte, tendo em vista que existem inúmeras formas de analisar e viver a vida, provocando questionamentos em relação ao (IN)finito da existência. Sendo que a noção de continuidade e devolutiva do corpo à natureza (devolver para Ilé, a Orixá da Terra) é incrível e acalentadora das dores existenciais.

Ancestralidade é muito presente nas religiões afro-brasileiras e na vida em geral do povo preto brasileiro, disse uma cursista. A opção (ou imposição colonial) pelo cristianismo apagou consideravelmente a grandiosidade da noção de ancestralidade nas culturas africanas e do povo Yorùbá. Ainda que esteja de um modo secular nos discursos de representantes do povo preto, ainda assim, persistem os legados africanos e Yorùbá. As aulas trouxeram a rica oportunidade de contrastar como ancestralidade se encontra no discurso do movimento de pretos e pretas no Brasil e está significada na Cultura Yorùbá.

Traumas históricos nos tempos da escravização geraram uma concepção mais temerosa da morte, e estudar a visão de morte do povo Yorùbá restaura saberes perdidos e necessários quando associados ao que foi mantido sobre ancestralidade pelo povo preto no Brasil, dentro e fora das



religiões, nas lutas e militâncias e dentro dos terreiros das religiões afro-brasileiras, disse outra cursista. A morte é tratada como uma partida que não significa o fim da existência, sendo que algumas pessoas migram outra vez para completar o ciclo, lembrou sobre a noção de Akudaya, ensinada em sala de aula.

Uma cursista afirmou que conhecia o tema de Egùngùn e Abiku envolto por um tabu que proíbe aprofundamento, no interior da religião afrodiaspórica brasileira, Candomblé. As aulas trouxeram a oportunidade para ela desmitificar e aprender mais sobre a Sociedade Ancestral Egbé Òrun, entendendo o processo como se dá o nascimento e a morte.

Outra aluna falou sobre a atenção e respeito pelos ancestrais é comparável às saudações aos mestres feitas na Capoeira Angola e são cantadas músicas compostas para grandes mestres da capoeira, um jogo afro-diaspórico brasileiro, relembando as datas de morte e nascimento destes respeitados mestres, e assim podem mantê-los vivos entre os praticantes da capoeira. Mestre Pastinha teria dito: “Enquanto a capoeira estiver viva, eu também estarei”, observou a aluna. Assim, cada nova roda de capoeira é vivenciada com a ritualística da roda, trazendo toda a linhagem de mestres para nos abençoar e acompanhar. Estes saberes prévios e vivenciados na capoeira foram relevantes para conectar com as aulas sobre ancestralidade nas narrativas orais do povo Yorùbá.

Uma aluna notou a importância da difusão nas aulas das ideias do povo Yorùbá sobre vida e morte, vinculadas às procuras de consultas oraculares para evitar morte prematura, chamando a atenção para a narrativa Yorùbá em que é dito que as folhas da árvore do esquecimento tocam as cabeças das pessoas e toda memória apaga. Assim, chegamos sem recordar o pacto escolhido para o destino (Ayanmo) na Terra. O Professor Especialista Faseyi ofereceu artigos e narrou o entendimento de que existe um pacto de escolha do destino e que a viver a experiência terrena já não restou nenhuma memória do que foi pactuado para todos os dias vivenciados na Terra.

Uma cursista observou que a noção Yorùbá sobre Egbé Òrun se assemelha ao que se diz e faz na Umbanda, religiosa afro-diaspórica, assim como comparar ancestralidade para os povos Yorùbá e preto brasileiro.

6. Religião Tradicional Yorùbá/ISESE/Obàtálá e criação do nosso mundo. Foi sugerido para ser lido, e enviado nos materiais do Google Sala de Aula, uma cópia do livro “Obàtálá -Criador de Criaturas



e Criadores”. Cite uma pequena lembrança de um trecho da obra que foi significativo para você a seguir:

Demonstraram interesse com as atividades desenvolvidas pelos Orixás na vida Terrena, suas missões e narrativas destes tempos imemoriais e vivendo a partir da África, em Ilé Ifé. Aprenderam sobre as designações divinas que cada Orixá recebeu na vinda à Terra, lembram de ter lido que Obàtálá veio para criar, Orunmila era responsável pela sabedoria.

Obàtálá é o Orixá criador do mundo, das pessoas e das coisas, citaram. Gostaram das fotos e das ilustrações do livro. Ressaltaram a presença de Yemòó, Obalesun (O rei que pode dormir) e filhos de Obàtálá no livro.

A criação do universo é feita com a participação dos Orixás é diferente de outras visões como as cristãs, trazendo ainda um teor que ajuda a compreender as diversidades culturais presentes nas narrativas da cosmovisão Yorùbá, disse uma cursista. Outra cursista lembrou que nas narrativas cristãs está presente também o barro usado para modelar corpos. A importância das nuvens e do céu foram lembradas.

#### 7. Qual a sua recordação sobre o Calendário Yorùbá/ Kójódá Yorùbá?

Lembraram que o nome é Kojoda e a palavra significa que a seguinte expressão: “o dia seja claro”. Recordaram dos quatro dias de cultos aos Orixás no Calendário de 4 dias da semana Yorùbá (chamado por alguns como cultural-religiosos). Com dias e a sequência certa lembrados em cada um destes dias.

Relembaram que a segunda-feira é dia bom para o comércio. O ano atual Yorùbá é 10066 e a passagem do ano acontece em junho, é feita uma consulta oracular para saber os tabus, com prescrição de comportamentos e até alimentos que não devem ser consumidos, disse uma cursista. Alguns aprenderam os nomes dos dias e meses em Yorùbá. Os festivais dos diversos Orixás acontecem em meses já estabelecidos. Os festivais percorrem as ruas, de uma forma simples e sem luxo, com oferendas feitas aos Orixás.

#### 8. Músicas para os Orixás

Um cursista apontou que as músicas brasileiras que citam os nomes dos Orixás são abundantes e algumas delas não apresentam sentido literal, chegam só a apresentar alguma saudação (até vaga



em algumas ocasiões) e chegam a apresentar equívocos na gramática, levando para um sentido totalmente diferente, já que a Língua Yorùbá é tonal. Isso foi aprendido nos exames das músicas em sala de aula com o Professor Especialista Faseyi. Aprenderam sobre os quatro principais gêneros musicais Yorùbá, principais artistas e características, os instrumentos musicais e suas funções na música e na religião Yorùbá.

Citaram que a música é inseparável da cultura Yorùbá. Ressaltaram a importância da água e da mãe dentro da família. Recordaram que a música é usada para ensinar as crianças a entenderem melhor a língua (música para aprender dias da semana foi vivenciado na sala de aula em um dos 15 encontros) e também a música ressalta a importância dos Orixás para o Povo Yorùbá.

A música Yorùbá é parte central das festividades e muito presente na cultura Yorùbá, disse um cursista. Ressaltaram um tipo de música Yorùbá e que era crítica à colonização inglesa (encerrada em 1960). Relembrou de obter conhecimento sobre gêneros musicais tradicionais iorubás, valores regionais e de fusões, organizações e funções dos Orixás e presentes nas músicas, as aulas sobre músicas trouxeram significados de palavras Yorùbá presentes em músicas brasileiras. Compreenderam os erros nas escritas contidas nas músicas brasileiras.

Trouxeram muitas letras de músicas brasileiras e com abundância de palavras em Yorùbá. Um aluno citou a música Odé Komorodé (Grupo Ofa).

Odékomorodé

Odékomorodé

Odé Arerê

Odékomorodé nímayó

Odékomorodé Oníre!

Odékomorodé

Odékomorodé

Odé Arerê

Odékomorodé nímayó





Odékomorodé Oníre!

Oxóssi, o Senhor da caçar

O Senhor da comunidade

O Senhor do silêncio

Aquele que está sempre alerta

E sempre observa tudo que está a sua volta

Aquele que nada deixa escapar

Nós não podemos negar

Somos caçadores

E um deles, sempre onde ia ele levava a sua mãe

E a mãe viu, o terror

Que outros jovens estavam passando

Ela lembrou que o filho dela só tinha uma flecha

Ainda disseram que as músicas contêm elementos religiosos, acontecimentos e difusão de comportamentos sociais esperados, além de entretenimento. O contato com músicas em Yorùbá e compostas na Nigéria e músicas compostas no Brasil revelaram as diferenças entre falas com palavras a até frases em Yorùbá no Brasil e suas traduções em algumas circunstâncias incompreensíveis aos falantes do Yorùbá atual. Apesar das intensas contribuições do que foi preservado nos Terreiros das Religiões Afrodiaspóricas, através de músicas cantadas até hoje, em alguns casos foram traduzidas de modos incompletos, vagos e até com sentidos bem diferenciados. Abebé é leque no atual Yorùbá e foi traduzido nas músicas afro-brasileiras como espelho de Oxum, completa um dos estudantes. E lembra que isso foi tema de uma aula em agosto.

Uma cursista apontou que já conhecia as músicas da cantora Asa (Francesa com familiares nigerianos) e do Yorùbá Fela Kuti. O curso trouxe uma ressignificação para algumas letras que possuem significados nas cosmovisões do Povo Yorùbá e evidenciadas nas aulas. Citou o caso da



música “Water have no Enemy”, de Fela Kuti, escutada em sala de aula e que corroborava com a ideia prévia que tinha de Orixás. Os tambores falantes chamaram a atenção de uma cursista, ela ressaltou o fato do tambor bata, citado em sala de aula, ser um intérprete da cultura, em conformidade com os ritmos e sons.

#### 9. O que você aprendeu sobre òrìsàs na Tradição Religiosa Yorùbá e na Afro-brasileira?

As aulas ajudaram a aprofundar na língua, cultura e no modo de vida da povo Yorùbá e trouxeram muitos sentidos para as buscas intelectuais das e dos cursistas, bem como dos cursistas iniciados nas religiões afro-brasileiras, sendo a presença de alunos iniciados em torno de dez cursistas. Observaram a importância da família na religião Yorùbá, chamando a atenção sobre a cerimônia e escolha de nomes para as crianças, aos sete dias de nascimento. Ressaltaram os diversos festivais do Povo Yorùbá. Perceberam que existem divergências entre os cultos dedicados aos Orixás na Nigéria e no Brasil, e entre os pontos de vista afro-brasileiros e Yorùbá, localizaram que isso aconteceu devido ao distanciamento e perdas dos significados originais. Os 15 encontros trouxeram essas certezas.

Desconstruíram a visão de Exú como o satanás, nas aulas, percebendo que Exú não deve ser visto como demônio e que inexistente essa palavra na Língua Yorùbá, só presentes nas narrativas abraâmicas, nas narrativas Cristãs, judaicas e Muçulmanas, entre outras. Os cursistas do IEL chegaram a afirmar sobre a importância desta disciplina como salutar na formação de um futuro Linguista, tomaram conhecimento da Língua Yorùbá, ressaltando as breves lições e exemplificações do tipo morfossintático (relação entre a classe gramatical de uma palavra e a sua função sintática na oração) e de um modo abundante com as exemplificações do tipo fonético-fonológico, ainda lembraram que o sistema linguístico inexistente isoladamente na cabeça de um indivíduo e está inserido dentro da cultura, examinando a realidade e visões de mundo.

Entenderam melhor as diferenças entre os cultos realizados na Nigéria e em suas diferenciações com as formas cultuadas no Brasil. Uma cursista afirmou que isso foi transformador por trazer a riqueza dos cultos a Egbé Òrun e ancestrais não tão disseminados no Brasil. Os 256 odus do Oráculo de Orunmila foram citados como aprendizagens relevantes, no entendimento de uma das autoavaliações, por trazer combinações matemáticas que unem ciência, religião, filosofia e história, e para darem direcionamento de destino individual e coletivo.



Uma cursista percebeu que as diferenças entre os modos de cultuar Orixás no Brasil e na Nigéria são diferentes nas constâncias das atividades religiosas. O Culto Yorùbá é muito presente no cotidiano. Enquanto no Brasil são cultuados somente 20 Orixás, na Religião Tradicional Yorùbá são cultuados 401 orixás, e é organizada sobre bases filosóficas e metafísicas mais complexas e profundas do que as religiões afrodiaspóricas em geral e do Brasil. Citaram o fato de Iemanjá ser Orixá das águas doces e ser a Orixá Olokun relacionada com os mares entre o Povo Yorùbá. Relembaram que Exú é o Orixá da comunicação, Ogum é Orixá do ferro, e também ressaltaram a presença de Ogum relacionado com a mais moderna tecnologia. Por fim, demonstraram que os assuntos abordados nas aulas, nos 15 encontros, abriram a curiosidade para pesquisar mais sobre estes temas de Língua e Cultura Yorùbá, no futuro.

### **Bibliografia**

AGBAYE, Oba Ojele Obàtálá; DIAS, Susana. Água-cura: uma homenagem a Ọṣun. *ClimaCom – Devir Criança* [Online], Campinas, ano 7, n. 18, Set. 2020. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/aguacura/>

GONZÁLEZ, Lélia. Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras. São Paulo: Filhos da África, 2018.

GUIMARÃES, Patrícia Cunegundes. Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rebeca –Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (São Paulo, online). ISSN: 2316-9230. DOI:<https://doi.org/10.22475/rebeca.v11n2.902> v. 11, n. 2, pp. 01-06, jul./ dez., 2022–Rebeca22. Disponível em <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/902/529>

---

[1] Pesquisadora Colaboradora no Labjor-Unicamp (2023 e 2024), Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Yeye do Templo de Obàtálá de Ilé Ifé, membro da casa do Atori de Obátála e Yemòó.

[2] Professor Especialista Visitante no IEL/Unicamp entre Agosto e dezembro de 2024, lecionou a Disciplina Tópicos de Linguística V – HL094, Obà do templo de Obàtálá de Ilé Ifé, membro da casa do Atori de Obátála e Yemòó.

[3] Emicida, é o Leandro Roque de Oliveira, compositor, rapper, autor de livro e cantor, compositor brasileiro. Grande nome hip hop do Brasil atual.